



O LUGAR SOCIAL DA TEOLOGIA

The social place of theology

Francisco de Aquino Júnior *

RESUMO: Partindo do pressuposto de que toda teologia é social e de que a sociedade é uma realidade complexa e conflitiva, o artigo se confronta com a problemática do lugar social que a teologia cristã deve ocupar: seu a partir de onde e seu para quem. Começa explicitando em que sentido falamos de lugar social (espaço físico-geográfico, posição ou situação social, ponto de vista intelectual) para se confrontar, em seguida, com a problemática do lugar social da teologia e explicitar em que sentido o mundo dos pobres e oprimidos constitui o lugar fundamental da teologia cristã: lugar privilegiado de *acesso real* ao reinado de Deus (seu assunto ou "objeto"); *orientação fundamental* do fazer teológico (seu para quem); lugar mais adequado de *historicização e verificação* da teoria teológica (sua verdade); *princípio e critério de desideologização* da teologia (sua prova de fogo).

PALAVRAS-CHAVE: Lugar social, Práxis, Pobre, Revelação, Salvação.

ABSTRACT: Assuming that all theology is social and that society is a complex and conflicting reality, the article confronts the problem of social place that Christian theology should occupy: from where and to whom. The article begins by explaining in what sense we speak of social place (physical-geographical space, social position or situation, intellectual point of view). Next, this point is confronted with the problematic of the social place of Theology and clarify in what sense the world of poor and downtrodden constitutes the fundamental place of Christian theology: a privileged place of *real access* to the Kingdom of God (its issue or "object"); *fundamental orientation* of doing theological (for whom); the most appropriate place of *Historicizing and verification* of theological theory (its truth); *principle and criterion of "de-ideologization"* of theology (its test of fire).

KEYWORDS: Social place, Praxis, Poor, Revelation, Salvation.

* Faculdade Católica de Fortaleza – Ceará. Artigo submetido a avaliação em 15.12.2012 e aprovado para publicação em 02.03.2013.

Em outra ocasião, abordamos a problemática do *caráter social da teologia*¹, mostrando em que sentido toda teologia é social: trata-se de uma realidade que tem uma dimensão social, é um fazer socialmente interessado, eclesialmente situado e condicionado, possibilitado por estruturas de pensamento e por sistemas de conceitos socialmente desenvolvidos e mediados e inseridos na trama complexa dos conflitos sociais. E concluíamos apontando para a necessidade de dar um passo adiante na reflexão, determinando, teórica e teologicamente, o *lugar social da teologia*. Não basta reconhecer que toda teologia é social, consciente ou inconscientemente. É preciso assumir de modo consciente e consequente esse caráter social, inserindo-se na trama complexa e ambígua dos conflitos sociais e determinando o lugar social mais adequado e fecundo para o próprio fazer teológico.

Pressupondo tudo o que escrevemos sobre o *caráter social da teologia*, confrontar-nos-emos, aqui, com a problemática da determinação do *lugar social da teologia*. São dois aspectos do mesmo problema. Ambos dizem respeito ao *caráter social da teologia*. Mas enquanto o primeiro aspecto tem um caráter mais *formal e abstrato* e, em princípio, parece menos problemático (insiste no *caráter social da teologia*), o segundo aspecto tem um caráter mais *concreto e empírico* e, por isso, toca mais diretamente nos conflitos e provoca muito mais reação (determina o *lugar social da teologia*). Sem o primeiro aspecto, o segundo carece de fundamento; mas sem o segundo aspecto, o primeiro é facilmente ideologizado sob a aparência de universalidade e cientificidade. Daí a necessidade de avançar na reflexão, passando da mera explicitação do caráter social da teologia para a determinação de seu lugar social. É o objetivo deste trabalho!

Começaremos explicitando em que sentido falamos de lugar social (I) para nos confrontarmos, em seguida, com a problemática do lugar social da teologia (II) e, por fim, com a determinação do lugar social da teologia (III).

I Lugar social

Antes de tudo, é preciso determinar com certo rigor o que entendemos por *lugar social*. Embora se trate de uma expressão bastante comum no âmbito das ciências sociais, em certas correntes ou tradições teológicas – concretamente, nas diversas teologias da libertação – e de modo cada vez mais crescente nas diversas ciências, seu sentido é pouco preciso, sobretudo em se tratando do processo de conhecimento. É o curioso é que esta expressão é utilizada comumente como se fosse algo claro, evidente que dispensasse maiores explicitações. Tanto que não é nada fácil encontrar uma definição precisa e rigorosa do conceito lugar social.

¹ Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco de. O caráter social da teologia. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 43, n. 121, p. 333-352, set./dez. 2011.

Isso pode ser já um indício da dificuldade mesma de tal definição, uma vez que se trata aqui de uma expressão equívoca, polissêmica, analógica, particularmente no que se refere ao conceito *lugar*. Ele pode indicar tanto um *espaço físico-geográfico*, quanto uma *posição ou situação social*, quanto, ainda, um *ponto de vista intelectual*. E os três sentidos têm a ver com o social, têm algo de social. De modo que a expressão *lugar social* pode ser tomada nesses diferentes sentidos. Dependendo do enfoque ou da ênfase que se dê ao conceito *lugar*, a expressão *lugar social* terá um sentido ou outro ou, em todo caso, um acento ou outro. Convém, por isso mesmo, explicitar esses diferentes sentidos, tanto no que têm de específico, quanto no que têm em comum. Só assim poderemos definir com certo rigor a expressão *lugar social* e, dessa forma, identificar e compreender a realidade a que ela se refere e procura explicitar.

1. A expressão *lugar social* indica, antes de tudo, um *espaço físico-geográfico*: o onde físico/real/concreto/material se está. É seu sentido mais básico e primário. Tem a ver com a materialidade fundamental e constitutiva da vida humana. Sempre se está em algum lugar físico-material: casa – rua; campo – cidade; centro – periferia; favela – bairro nobre; lixão – empresa; capital – interior; Europa/EUA – América Latina/África; norte – sul e assim por diante. Não tem escapatória.

Mas esse lugar físico-material onde se está não é simplesmente um lugar *natural*. É um lugar ocupado e organizado socialmente e, por isso, em sentido estrito, um lugar *social*. A própria designação desse lugar físico-material (casa – rua; lixão – empresa; Europa – África etc.) revela seu caráter social: ocupação e organização sociais do espaço natural. Na medida em que é ocupado e organizado pelo ser humano, o espaço deixa de ser algo meramente natural; é inserido na trama complexa e conflitiva das relações sociais, tornando-se, assim, uma realidade social ou, em todo caso, uma realidade socialmente organizada e configurada. Não por acaso a chamada geografia humana ou social tem falado de “espaço geográfico” ou “espaço social” (Milton Santos)², de “território” (Claude Raffestin)³, destacando com isso a interação natureza – sociedade, particularmente no que diz respeito ao modo de produção, à organização e configuração do espaço geográfico⁴. A cidade⁵ como um todo e, nela, a arquitetura é um

² Cf. SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2004; _____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2005.

³ Cf. RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

⁴ Para o caso concreto da organização e configuração do espaço geográfico cearense, cf. ELIAS, Denise – SAMPAIO, José Levi Furtado. *Modernização excludente: paradigmas da agricultura cearense*. Fortaleza; Demócrito Rocha, 2002; LIMA, Luiz Cruz; VASCONCELOS, Tereza Sandra Loyola; FREITAS, Bernadete Maria Coelho. *Os novos espaços seletivos no campo*. Fortaleza: UECE, 2011.

⁵ A propósito da cidade de Fortaleza, por exemplo, cf. SILVA, José Borzacchiello da. *Os incomodados não se retiram*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1992; _____. *Nas trilhas da cidade*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

bom exemplo do caráter social do espaço físico. A localização, o tamanho e o tipo de uma construção qualquer, vista e analisada no conjunto arquitetônico de uma cidade, expressa/revela o poder aquisitivo de seus proprietários e as relações de poder nessa sociedade. Isso se pode constatar até mesmo nos cemitérios⁶. Basta comparar os diferentes cemitérios e, em cada cemitério, os diferentes "túmulos" ou "monumentos" para se perceber que a apropriação e a organização do espaço físico é um dado social, determinado por relações desiguais de poder em uma sociedade concreta.

De modo que, enquanto espaço físico-geográfico, lugar social designa, por um lado, a organização social de um determinado espaço e, por outro lado, as relações de poder que se estabelecem na organização social desse espaço e que determinam sua apropriação e, conseqüentemente, sua organização e configuração. O onde físico-material se está não é, portanto, um mero dado natural. É uma construção/determinação social, fruto de relações sociais conflitivas e desiguais que nos obrigam a falar não apenas de lugar social no singular, mas de *lugares sociais* no plural. Já, aqui, no sentido mais básico e fundamental da expressão lugar social, revela-se seu caráter plural e conflitivo. Na sociedade há muitos lugares e estar em um lugar ou outro não é um dado natural, mas uma determinação social.

2. A expressão *lugar social* indica também *posição ou situação social* no conjunto da sociedade. Além de estarem em um lugar físico-material, as pessoas, em suas relações pessoais e estruturais, encontram-se sempre em uma situação social e ocupam sempre uma posição social bem concretas. Situação ou posição que diz respeito ao acesso a bens e riquezas, às relações de poder, ao serviço ou profissão, ao saber, à cor da pele, à etnia, ao gênero, à orientação/opção sexual etc.

Dependendo da situação social ou da posição social em que alguém se encontre (pobre - rico; patrão - empregado; catador - empresário; médico - faxineiro; doutor - "analfabeto"; branco - negro; índio - europeu; homem - mulher; homo - hétero, etc.), ocupará um lugar social ou outro. De modo que o lugar social tem aqui uma dupla característica: é fruto das relações de poder e de relações de poder extremamente desiguais que levam à dominação de uns sobre outros. Por um lado, é fruto das relações de poder que se estabelecem no processo de organização e configuração da vida coletiva. Que alguém seja rico ou pobre, que determinada profissão tenha maior ou menor status, que a cor da pele ou a orientação sexual defina o lugar ou a posição que alguém ocupa em uma sociedade, por exemplo, não é um dado natural, mas um dado social, resultado do processo de organização e configuração da vida coletiva. Por outro lado, revela o caráter desigual das relações de poder nesse processo de organiza-

⁶ Cf. BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Assim na Morte como na Vida: arte e sociedade no cemitério São João Batista (1866-1915)*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2002.

ção e configuração da vida coletiva, o que leva à construção de uma sociedade extremamente desigual, fundada e regulada a partir e em vista da dominação de uns sobre outros. É aqui onde se dá o processo desigual de apropriação e/ou distribuição de bens e riquezas (rico – pobre). É aqui onde diferenças (homem – mulher, índio – europeu; branco – negro, homo – hétero, etc.) se tornam ocasião de dominação. E é aqui onde se constroem discursos/teorias/valores que fundamentam e legitimem tal situação (ideologias mitológicas, filosóficas, teológicas e científicas, linguagem, etc.): “reconheça seu lugar!”, “ponha-se no seu lugar!” etc.

Enquanto posição que alguém ocupa ou situação em que alguém se encontra em uma determinada sociedade, o lugar social se constitui, portanto, como uma determinação ou construção social. Não é um dado natural, não é destino/acaso nem muito menos decisão de deuses ou forças do além. É um dado social, fruto de relações de poder desiguais que levam à organização e à configuração da sociedade a partir e em vista da dominação de uns sobre outros. De modo que também e especialmente aqui é preciso falar de *lugares sociais* no plural e de lugares sociais não apenas diferentes, mas *assimétricos, desiguais e em conflito*. Há, portanto, diferentes lugares na sociedade. E essa diferença se constitui e se caracteriza como desigualdade, como exploração, como dominação, como subordinação.

3. Por fim, *lugar social* designa *ponto de vista intelectualivo*: “todo ponto de vista é a vista a partir de um ponto”. Também o acesso que temos às coisas e aos acontecimentos (visão, apreensão), o modo como os intelégimos (sentidos, práxis, pré-conceitos, etc.) e a perspectiva a partir da qual e em função da qual os intelégimos (interesses inerentes à práxis) são, em boa medida (muito mais do que se pensa!), condicionados e mesmo determinados pelo lugar social em que nos encontramos.

O processo de intelecção⁸ não é algo que se dá independentemente da vida concreta das pessoas. É um momento do processo de enfrentamento das pessoas com o mundo ou com as coisas, isto é, da práxis humana. E como a práxis humana é uma práxis situada, a inteligência, como momento da práxis, só pode ser uma atividade situada: em um determinado espaço físico-geográfico e em uma determinada posição ou situação social. De uma forma ou de outra, a intelecção humana é condicionada e possibilitada pelo lugar social em que nos encontramos. Não dá no mesmo estar em um lugar social ou em outro. Seja porque nem sempre se tem acesso às

⁷ Cf. CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1997; FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e terra, 1997, p. 141-152.

⁸ Para uma visão global e sintética do processo de intelecção na perspectiva de Xavier Zubiri e Ignacio Ellacuría, cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco de. *A teologia como intelecção do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 215-245.

mesmas realidades nos diferentes lugares sociais (faculdade de medicina, tecnologia de ponta, turismo, etc.). Seja porque uma mesma realidade pode ser abordada sob diferentes perspectivas (física, biológica, sociológica, econômica, teológica, etc.) e a partir de interesses diferentes ou contrários (sem terra – latifundiário; catador – empresário, etc.). Seja, enfim, porque as estruturas de pensamento e os sistemas de conceitos socialmente produzidos e mediados são distintos e mesmo contrários em diferentes lugares sociais (oriente – ocidente; rural – urbano; cultura patriarcal – movimento feminista, etc.), por mais que as fronteiras entre esses lugares não sejam sempre tão definidas. Assim, por exemplo, um lixão pode ser visto e analisado sob perspectivas e interesses diferentes (catadores, empresários, gestores públicos, sociólogos, agentes de pastoral, teólogos, etc.); a entrada de um grupo de sem terra em uma propriedade pode ser vista e analisada sob interesses contrários (sem terra – latifundiário) e até descrita de maneira diferente (ocupação – invasão).

Importa, em todo caso, perceber que a inteligência humana é uma atividade socialmente condicionada e possibilitada, e que, por isso mesmo, não é indiferente para o processo de inteligência o lugar social em que se esteja. E isso vale não apenas para o chamado senso comum, mas também para o conhecimento científico em geral, não obstante a pretensão ingênua/ideológica de neutralidade social de alguns “cientistas”. Bastaria ver o direcionamento social de uma atividade técnico-científica qualquer (a quem se dirige; a que modo de produção e a que modelo de sociedade favorece; quem se beneficia com ela) para ver que sua neutralidade social, mascarada de objetividade e cientificidade, não é tão neutra assim⁹.

Em síntese, *lugar social* pode designar tanto *espaço físico-geográfico*, quanto *posição ou situação social*, quanto, ainda, *ponto de vista intelectual*. Ele diz respeito ao “onde” físico, social, intelectual se está e a partir de onde se atua. Um “onde” socialmente determinado. E determinado no processo de organização e configuração da vida coletiva, mediante relações de poder extremamente desiguais. Daí porque não seja suficiente falar de lugar social no singular, nem sequer de lugares sociais no plural, uma vez que não se trata simplesmente de lugares sociais diferentes. Em nossa sociedade,

⁹ “As idéias da autonomia da ciência e do desinteresse do conhecimento científico, que durante muito tempo constituíram a ideologia espontânea dos cientistas, colapsaram perante o fenômeno global da industrialização da ciência a partir, sobretudo, das décadas de trinta e quarenta. Tanto nas sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas de Estado no leste europeu, a industrialização da ciência acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição das prioridades científicas” (SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2010, 56s). Para uma abordagem mais ampla e profunda da problemática, cf. SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: ‘um discurso sobre as ciências’ revisitado*. São Paulo: Cortez, 2006.

essa diferença se configura como desigualdade, opressão, dominação, subordinação. Por isso, é preciso falar com todo rigor e sem escrupulo de *lugares sociais desiguais e conflitivos*, por mais que nossa vida coletiva e os lugares sociais em que estamos não possam ser reduzidos ao que têm de desigualdade e de conflito.

Convém, por fim, alertar contra simplificações maniqueístas e deterministas no que diz respeito à ocupação dos diferentes lugares sociais em uma sociedade concreta. A questão é mais complexa do que parece: há pobres no primeiro mundo e em bairros “nobres” de qualquer grande cidade e há ricos no terceiro mundo e até em bairros de periferia; há pobres que se opõem à luta dos sem terra e dos sem casa e há pessoas de classe média que defendem e apoiam essas lutas; há mulheres machistas, negros racistas, homossexuais homofóbicos e há homens, brancos e heterossexuais que não só vivem relações igualitárias de gênero e de respeito e companheirismo com mulheres, negros e homossexuais, mas, inclusive, que assumem suas causas; e assim por diante. No entanto, é preciso ter cuidado para não se tomar a exceção como regra e para não se confundir o lugar em que realmente se está com o lugar que se assume explicita e conscientemente por realismo e/ou por compromisso. Afinal, o fato de um pobre ser contra a luta de outros pobres ou ter “cabeça de rico” (defender os interesses dos ricos) não o faz deixar de ser pobre nem o torna rico – não muda seu lugar social; o fato de uma mulher ser machista, de um negro ser racista, de um homossexual ser homofóbico não só não muda seu lugar social inferior e subordinado, mas contribui para sua manutenção e para o seu aprofundamento. Da mesma forma, o fato de uma pessoa de classe média assumir e defender a causa dos pobres ou o fato de um homem, de um branco e de um heterossexual assumir e defender a causa das mulheres, dos negros e dos homossexuais não muda seu lugar social. A diferença, aqui, é que contribui no processo de transformação da sociedade a partir e em vista de relações fraternas e igualitárias. Ter presente essa complexidade do lugar social, sobretudo no que diz respeito à diferença entre o lugar em que realmente se está e o lugar que se assume, é muito importante tanto para evitar maniqueísmos simplistas quanto para evitar universalismos ingênuos e/ou ideológicos.

Importa, em todo caso, ter presente as seguintes questões: (1) em nossa sociedade há diferentes lugares sociais; (2) essa diferença se configura como desigualdade, dominação, subordinação; (3) estar em um lugar ou outro condiciona enormemente tanto a ação humana em geral quanto sua inteligência das coisas e dos acontecimentos; (4) nem sempre o lugar em que realmente se está coincide com lugar que se assume explicita e conscientemente, por realismo ou por opção; (5) assumir um lugar diferente do lugar em que realmente se está não significa uma mudança real de lugar, mas, dependendo do lugar assumido, contribui para a manutenção ou para a transformação de estruturas sociais desiguais e dominadoras; (6) na medida em que os lugares sociais são determinados no processo de orga-

nização e configuração da vida coletiva, portanto, num processo social, são mantidos ou transformados no mesmo processo social, mediante alteração na correlação de forças; (7) e aqui se relevam a importância e a necessidade dos movimentos sociais no processo de transformação da sociedade a partir e em vista de relações sociais fraternas e igualitárias.

II A problemática do lugar social da Teologia

Depois de explicitar o que entendemos por *lugar social*, vamos nos confrontar, agora, com a problemática do *lugar social da teologia*. Tem sentido falar de lugar social da teologia, enquanto teoria? Não seria isso uma mera ideologização da teologia em prejuízo de sua qualidade e rigor teórico-científicos? Isso valeria para toda e qualquer teologia ou apenas para aquelas "teologias" ligadas a organizações e movimentos sociais (de esquerda!) e que, no fim das contas, mais que de teologia propriamente dita, tratar-se-ia de um discurso político-ideológico disfarçado de religioso – bem ou mal intencionado? Não seria a teologia, enquanto ciência, um discurso objetivo e universal, portanto, socialmente neutro – acima dos interesses e dos conflitos sociais? Sobretudo em se tratando dos pronunciamentos do magistério episcopal, particularmente em suas definições dogmáticas, pode-se continuar falando de lugar social? Isso não comprometeria e/ou negaria sua destinação e validade universais? Em última instância, isso não levaria a um relativismo radical que terminaria negando não apenas o conhecimento total da verdade (sempre limitado e relativo), mas a possibilidade mesma de acesso à verdade ou, quem sabe, a própria verdade?

Tudo isso aponta para a complexidade da problemática do lugar social da teologia. Ainda que se aceite que a comunidade eclesial, enquanto organização e força sociais, está inserida na trama complexa e conflitiva das relações sociais e que, portanto, está sempre – queira ou não queira, consciente ou inconscientemente – em um lugar social determinado, permanece em aberto a problemática do lugar social da teologia. Pois poderia acontecer que a teologia, enquanto ciência, tivesse um dinamismo não apenas distinto, mas completamente diferente e independente do dinamismo da vida e da práxis eclesial. De modo que, mesmo se admitindo que a práxis eclesial seja uma práxis socialmente condicionada e mediada, poder-se-ia continuar pensando que a teologia, enquanto atividade teórica, não é necessariamente condicionada e determinada pelo lugar social. Por mais que se possa e até se deva estabelecer alguma relação entre lugar social e fazer teórico, seria sempre *relação* entre *relatos* já constituídos, portanto, um vínculo meramente externo e secundário¹⁰. Mas isso é muito pouco.

¹⁰ Por aí parece ir a postura de Clodovis Boff com sua separação e contraposição entre vida/práxis e pensamento/teoria e com sua visão althusseriana da "prática teórica" (Cf.

Na verdade, a problemática do lugar social da teologia surge com “a suspeita de que o lugar a partir de onde se interpreta e se realiza algo é fundamental para o resultado da interpretação e da realização e de que essa fundamentalidade não é imediatamente percebida como tal, de modo que sem se cair na conta, isto é, de forma mais ou menos ‘inconsciente’, vai-se colocando no objeto do estudo ou da práxis os interesses não confessados que correspondem à instalação em um determinado lugar. Se é assim em toda interpretação e realização de alguma importância vital, o é de modo singular na interpretação da fé e em sua práxis que tocam tão de cheio na totalidade da vida e nos seus interesses mais profundos. E isso vale tanto para os indivíduos como para o grupo social, embora o mecanismo e os efeitos sejam diversos em um caso e em outro”¹¹.

Quatro pontos merecem ser destacados aqui.

1. Não apenas a ação eclesial é uma ação socialmente situada. Também a ação intelectualiva ou mais precisamente o momento intelectualivo da ação é socialmente situado. Dá-se sempre a partir e em referência a um determinado lugar social que tanto o *condiciona* negativamente, quanto o *possibilita* positivamente. Como bem afirma Ignácio Ellacuría, “o ‘a partir de onde’ no qual alguém se situa ao querer ver, é decisivo para o que se poderá ver; o horizonte e a luz que se selecionam também são fundamentais para o que se verá e para o modo como se verá”¹². Ou, ainda, “os condicionamentos dos lugares em que alguém se situa para encontrar respostas para os problemas teóricos e práticos são de grande importância tanto para favorecer quanto para dificultar esse encontro”¹³. De modo que o lugar social tem uma importância fundamental para o “resultado” da ação e, em concreto, de seu momento mais propriamente intelectualivo.

2. Essa importância fundamental do lugar social tanto para a “realização” quanto para a “interpretação” não é algo imediatamente percebido nem necessariamente assumido de modo consciente e consequente. Até porque o fundamento ou o fundamental, por sua própria natureza, está por baixo do que se vê – sustentando-o, possibilitando-o – e normalmente não se mostra nem se deixa perceber com muita facilidade. Isso o torna ainda

BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 144-158; _____. *Teoria do método teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 56s 110-113, 117, 121, 168, 391). Nesta perspectiva, chega, no máximo, a propor uma “relação” entre “lugar social” e “lugar epistêmico”, formulada, com M. de Certeau, nos termos de “permissão” e “interdição” (cf. BOFF, Clodovis. *Teologia e prática*. Op. cit., p. 290-296).

¹¹ ELLACURÍA, Ignácio. La Iglesia que nace del pueblo por el Espíritu. In: ELLACURÍA, Ignacio. *Escritos Teológicos II*. San Salvador: UCA, 2000, p. 343-355, aqui p. 344.

¹² ELLACURÍA, Ignacio. Historicidad de la salvación Cristiana. In: _____. *Escritos Teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000, 535-596, aqui 592.

¹³ ELLACURÍA, Ignacio. Hacer la paz en El Salvador. In: _____. *Escritos Políticos II*. San Salvador: UCA, 1993, p. 1139-1150, aqui p. 1149.

mais problemático e desafiante, pois vai condicionando e determinando a ação e seu momento intelectual por interesses não confessados nem assumidos de modo explícito e consciente. E o que é pior, na maioria das vezes, disfarçados e mascarados ideologicamente de universalidade, objetividade, cientificidade – a verdade sem mais. Basta ver com mais atenção as teorias e os discursos desenvolvimentistas, “técnicos”, patriarcais, racistas, etnocêntricos, homofóbicos, centralistas, tradicionalistas, etc. para se identificar seu lugar social.

3. O que vale para a práxis e para seu momento intelectual, em geral, vale, de modo particular, para a práxis eclesial e, sobretudo, para a teologia¹⁴. Primeiro, por tratar de questões que dizem respeito à orientação e ao sentido mais profundos e definitivos da vida humana (o para onde e o porquê). Isso não é indiferente aos interesses e aos conflitos sociais. Segundo, porque toca em aspectos muito mais propensos a “desfigurações e manipulações nem sempre conscientes”, dado o caráter “aparentemente” inverificável de muitas de suas afirmações¹⁵. Fato é que “as afirmações mais abstratas podem resultar, às vezes, em expressão religiosa de uma situação cuja verdade é tudo menos religiosa. O discurso religioso pode ser a mistificação do discurso econômico e político. E isto não apenas quando fetichiza determinadas realidades históricas [...], mas, inclusive, quando aparentemente não fala mais que de Deus e do divino. Sem chegar ao exagero de pensar que todo discurso teológico é apenas isso, cabe sempre a pergunta e a suspeita de quanto disso há em todo discurso teológico”¹⁶.

4. O condicionamento da teologia pelo lugar social diz respeito não apenas à teologia produzida por um determinado teólogo, mas também à teologia bíblica¹⁷ e à teologia produzida pelo magistério da Igreja, inclusive, em suas

¹⁴ Cf. FERRARO, Benedito. A teologia como produto social e produtora da sociedade: a relevância da teologia. In: BAPTISTA, Paulo Agostinho; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Teologia e sociedade: relações, dimensões e valores éticos*. São Paulo: Paulinas, 2001, p. 43-56.

¹⁵ ELLACURÍA, Ignacio. La teología como momento ideológico de la praxis eclesial. In: _____. *Escritos Teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000, p. 163-185, aqui p. 165.

¹⁶ *Ibidem*, 166.

¹⁷ Cf. GOTTWALD, Norman. *As Tribos de Iahweh: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.* São Paulo: Paulinas, 1986, 701-710. “A emergência de Israel manifestou a associação entre a tentativa de introduzir uma mudança nas relações sociais num determinado estágio de planalto da evolução social, no antigo Oriente Próximo, e a tentativa de introduzir uma mudança na percepção e prática religiosas, num determinado estágio de planalto na revolução religiosa no antigo Oriente Próximo [...]. Uma experiência social radical gerou uma teologia radical, sem a qual não poderia ter tido êxito tão completo como teve. Se o simbolismo de Iahweh era essencial à emergência de Israel, não se deve passar por alto (como em geral passam os teólogos bíblicos) o fato de que a religião javista foi a práxis e a ideologia de uma comunidade social verdadeira. O foco de todo aquele simbolismo religioso superdesenvolvido eram as relações sociais de um povo” (*Ibidem*, p. 701). “Se minha linha de raciocínio a respeito da relação de teologia

definições e formulações dogmáticas¹⁸. A apelação à revelação, ao magistério e ao caráter dogmático de suas definições não nega, em hipótese alguma, seu condicionamento social. Primeiro, porque a revelação se dá na história e historicamente, portanto, na trama complexa e conflitiva dos interesses e conflitos sociais. Segundo, porque os bispos, assim como os teólogos, não estão acima da história e dos conflitos sociais. Terceiro, porque as próprias definições dogmáticas (em sua necessidade e em sua formulação) só podem ser compreendidas a partir do lugar e dos interesses eclesiais, sócio-culturais e políticos em que se dão. Isso não nega sua verdade nem sua autoridade. Pelo contrário. Ajuda a purificá-las de interesses ideológicos não confessados.

Daí a necessidade de a teologia se confrontar de modo explícito e consequente com a problemática do seu lugar social. Seja explicitando com a ajuda das ciências sócio-históricas o lugar ou os lugares que ela *vem ocupando* ao longo da história; seja determinando teologicamente o lugar que ela *deve ocupar*. Duas tarefas distintas, mas que se implicam e se remetem mutuamente.

Por um lado, é preciso se confrontar criticamente com a história da teologia, explicitando o lugar social que ela *vem ocupando*. E, aqui, é fundamental a pergunta do “para que e para quem” da teologia, isto é, a pergunta do “a quem serve” e “para que, de fato, serve” uma determinada teologia¹⁹. Não se trata de julgar o passado com critérios atuais, até porque essa tarefa abrange também as mais diversas teologias produzidas no presente. Trata-se, simplesmente, do esforço de identificar o lugar social das diversas teologias (passadas e presentes) com as quais nos confrontamos. E por uma dupla razão. Primeiro, por uma questão de criticidade e lucidez teóricas. Se toda teologia se produz sempre a partir de e em referência a um determinado lugar social, é importante e necessário identificar esse lugar social para que ela possa ser melhor compreendida em suas afirmações, em seus objetivos e em suas mediações prático-teóricas. Segundo, por uma razão estritamente teológica: analisar sua legitimidade e seu fundamento teológicos. É que a história da Igreja e, concretamente, a história da teologia não pode ser reduzida a um elenco de acontecimentos, autores e teorias. O teológico de uma abordagem da história da igreja e, nela, da história da teologia consiste na análise e interpretação desses acontecimentos, autores e teorias a partir e em vista da salvação ou da realização do reinado de

bíblica e sociologia bíblica for correta, a contribuição mais importante de uma análise sociológica do primitivo Israel para o pensamento e a prática religiosos contemporâneos é fechar a porta, firme e irrevogavelmente, às ilusões idealistas e supernaturalistas que ainda impregnam e enfeitam nossa perspectiva religiosa” (Ibidem, p. 709).

¹⁸ Cf. CONGAR, Yves. *La foi et la théologie*. Tournai: Desclée, 1962, p. 54-71; BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. Op. cit., 249-264; SEGUNDO, Juan Luis. *O dogma que liberta: fé, revelação e magistério dogmático*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 181-447.

¹⁹ ELLACURÍA, Ignacio. *Hacia una fundamentación del método teológico latinoamericano*. In: _____. *Escritos Teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000, p. 187-218, aqui p. 214.

Deus²⁰. E para isto não basta identificar o lugar social de uma teologia qualquer. É preciso confrontá-lo com o lugar social da história da salvação, tal como se deu em Israel e, particularmente, na práxis de Jesus Cristo.

Por outro lado, é preciso determinar o lugar social que a teologia *deve ocupar*. Essa tarefa é necessária, tanto para se poder levar a cabo uma abordagem teológica da história da Igreja e, nela, da história da teologia, como vimos, quanto para se desenvolver uma teologia autenticamente cristã. Mas se a identificação do lugar social de uma teologia qualquer se faz, sobretudo, com a ajuda das ciências sócio-históricas e sua "suspeita ideológica" (a quem ou a que interesses sociais *servem de fato*), a determinação de seu lugar social é uma tarefa estritamente teológica (a quem ou a que interesses *devem servir*). Feita a partir de e em referência ao acontecimento histórico que funciona como fundamento, "cânon" e critério tanto para a práxis eclesial, quanto para seu momento mais propriamente intelectual, isto é, a teologia: a história de Israel e, nela, a práxis de Jesus Cristo. É a partir daqui que se pode e se deve justificar ou criticar teologicamente o lugar social de uma teologia qualquer – do passado ou do presente; de um determinado teólogo ou do magistério episcopal. É a partir daqui que se evita o relativismo teológico, na medida em que a discussão do lugar social da teologia é feita a partir de um critério objetivo e, ademais, historicamente verificável, para além de todo subjetivismo e de todo idealismo. E é a partir daqui que a teologia deixa de ser instrumento ideológico das mais diversas formas de opressão e dominação e exerce de modo consequente a função profética que lhe compete na sociedade, enquanto momento consciente e reflexo da salvação ou do reinado de Deus neste mundo.

Mais que a primeira tarefa (abordagem histórica), interessa-nos, aqui, a segunda tarefa (determinação teológica). Determinar com rigor o lugar social que a teologia *deve ocupar* para que possa ser autenticamente cristã, o que só é possível em referência à realidade que ela procura inteligir e a serviço da qual deve estar: a realização do reinado de Deus, tal como se deu na história de Israel e na práxis de Jesus de Nazaré a quem confessamos como o Cristo de Deus. É o que faremos a seguir.

III Determinação do lugar social da teologia

Tendo explicitado o que entendemos por lugar social e em que consiste a problemática do lugar social da teologia, isto é, em que sentido se pode e se deve falar de lugar social da teologia, confrontar-nos-emos, agora, com

²⁰ Cf. ELLACURÍA, Ignacio. Iglesia y realidad histórica. In: _____. *Escritos Teológicos II*. San Salvador: UCA, 2000, p. 501-515.

a questão da determinação do lugar social que a teologia deve ocupar: se em nossa sociedade há lugares sociais diferentes e mesmo contrários; se toda teologia é feita a partir e em referência a um determinado lugar social; a questão agora é saber se para uma teologia cristã, feita a partir e em referência à práxis de Jesus Cristo, é indiferente o lugar social que ela ocupa: se tanto faz ocupar um lugar social ou outro (rico X pobre; opressor X oprimido; dominador X dominado, etc.) ou se a referência à práxis de Jesus Cristo a obriga a se situar em um determinado lugar e mesmo em oposição a outros lugares. É a problemática da *determinação do lugar social da teologia*.

A discussão da problemática e da determinação do lugar social da teologia é relativamente recente e foi desenvolvida, sobretudo, no seio da teologia da libertação em seus mais diversos enfoques e em suas mais diversas formulações. Desde o princípio, os/as teólogos/as da libertação se deram conta tanto da importância do lugar social no fazer teológico, quanto do fato de o mundo dos pobres e oprimidos constituir o lugar social fundamental da revelação, da fé e da teologia cristãs. Para o primeiro aspecto (importância do lugar social no fazer teológico) foi decisivo o contato e o diálogo com as ciências sociais, históricas, antropológicas, hermenêuticas etc. Já o segundo aspecto (mundo dos pobres e oprimidos como lugar social da teologia) se deu fundamentalmente através da teologia bíblica e de sua função canônica no conjunto da teologia cristã – “deve ser como que a alma de toda teologia” (OT n. 16). É neste contexto que vai se tornando comum falar do *lugar social da teologia*, formulado de diversas maneiras: pobre, mundo dos pobres e oprimidos, povos dominados, classes exploradas, raças desprezadas, maiorias populares, povos crucificados etc.²¹.

Importa, aqui, explicitar, sem maiores desenvolvimentos, as razões teológicas (!) que têm levado os/as teólogos/as da libertação a afirmar que o lugar social da teologia é o mundo dos pobres e oprimidos ou, dito de

²¹ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1991, 15-37; _____. *A fé na periferia do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1991; _____. *Do lugar do pobre*. Petrópolis: Vozes, 1997; BOFF, Clodovis. *Teoria e prática*. Op. cit., 281-303; ELLACURÍA, Ignacio. Los pobres, “lugar teológico” en América Latina. In: *Escritos Teológicos I*. Op. cit., p. 139-161; _____. “La Iglesia que nace del pueblo por el Espíritu”. Op. cit.; _____. “El auténtico lugar social de la Iglesia”. In: *Escritos Teológicos II*. Op. cit., 439-451; SOBRINO, Jon. *Jesus, O Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996, 42-61; SUSIN, Luis Carlos. O privilégio e o perigo do ‘lugar teológico’ dos pobres na igreja. In: VIGIL, José Maria (Org.). *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007, 322-329; VIGIL, José Maria. Os pobres como ‘lugar teológico’: uma questão hermenêutica crucial de nosso tempo. In: SOTER (Org.). *Deus e vida: desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, p. 151-180; AQUINO JÚNIOR, Francisco. Op. cit., p. 265-318; _____. Sobre o conceito “lugar teológico”. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 278, p. 451-453, 2010.

outra forma, que o mundo dos pobres e oprimidos é o lugar teológico fundamental.

1. Antes de tudo, por ser o lugar da revelação e da fé. Se tem algo que não se pode negar nem ofuscar na Sagrada Escritura é a centralidade dos pobres e oprimidos na história da salvação. Deus aparece (revelação) como *Go'el* que resgata seus parentes da escravidão, como *Rei* que faz justiça aos pobres e oprimidos, como *Pai* que cuida de seus filhos e os socorre em suas necessidades. E a relação com ele (fé) passa sempre pela observância e defesa do direito do pobre e oprimido, pela proximidade ao caído à beira do caminho. Todas as imagens ou metáforas que a Escritura usa para falar da ação e interação entre Deus e seu povo (*Go'el*, *Rei*, *Pai*, etc.) revelam a centralidade dos pobres e oprimidos, expressos no quarteto "pobre-órfão-viúva-estrangeiro". E tanto nas escrituras hebraicas (AT) quanto nas escrituras cristãs (NT). Joachim Jeremias, exegeta alemão, insistiu muito em que o "traço decisivo" do reinado de Deus, centro e resumo da pregação de Jesus, consiste na "oferta da salvação feita por Jesus aos pobres"²² – "unicamente aos pobres", chega a afirmar²³! De modo que a salvação dos pobres e oprimidos constitui o coração da história de Deus com seu povo.

Ora, se a teologia consiste na inteligência do reinado de Deus²⁴ e se este tem a ver antes de tudo e acima de tudo com a salvação dos pobres e oprimidos, o fazer teológico é inseparável do mundo dos pobres e oprimidos. E não apenas no sentido de ele se tornar "objeto" ou assunto da teologia, mas, sobretudo, enquanto lugar privilegiado de inteligência da história da salvação. É um princípio teórico-epistemológico básico: o lugar fundamental da salvação (revelação/fé) é também o lugar fundamental de sua inteligência (teologia), isto é, o lugar onde ela se deixa apreender mais e melhor²⁵.

2. Segundo, porque além de ser o lugar privilegiado de acesso/apreensão da história da salvação ou do reinado de Deus, os pobres e oprimidos são os destinatários privilegiados da salvação a serviço da qual está a própria teologia, enquanto seu momento intelectual por excelência. Por mais universal que seja a salvação (oferecida a todos), sua realização histórica é sempre parcial (começa e passa sempre pelos últimos). Deus quer salvar a todos e o faz começando pelos últimos e através deles. Essa é a dinâmica

²² JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 176.

²³ *Ibidem*, p. 187.

²⁴ Cf. AQUINO JÚNIOR, Francisco. O reinado de Deus como assunto da teologia cristã. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, n. 281, p. 47-68, 2011.

²⁵ Cf. ELLACURÍA, Ignacio. Los pobres, 'lugar teológico' en América Latina. *Op. cit.*, p. 151. Isso não nega, em hipótese alguma, a especificidade e a autonomia relativa da teologia em "relação" à revelação e à fé. Ela tem "leis próprias e métodos próprios [...] que são insubstituíveis". Mas, "não se deve ter ilusões sobre o âmbito e o exercício dessa autonomia, pois o teólogo e seu fazer dependem enormemente do horizonte em que se movem e da práxis a que se orientam". Muito mais do que se pensa (*Ibidem*, p. 151s).

da salvação tal como aparece na Sagrada Escritura – para escândalo de muitos (cf. Lc 4,16-21; 7,18-23; 10, 25-37; Mt 25,31-46). E isso não é indiferente ao fazer teológico. Enquanto intelecção do reinado de Deus que se constitui como “oferta de salvação” aos pobres e oprimidos, a teologia também está a serviço dos pobres e oprimidos e este “estar a serviço de” determina enormemente seu dinamismo. Por um lado, ela trata do reinado de Deus que se destina aos pobres e oprimidos (assunto da teologia). Por outro lado, ela está a serviço desse mesmo reinado, como seu momento consciente e reflexo por excelência (atividade intelectual).

É uma questão metodológica fundamental: a meta que se quer alcançar determina em grande medida o caminho que se deve percorrer. Não se chega a qualquer lugar por qualquer caminho nem se pode determinar o caminho a ser percorrido independentemente do lugar aonde se quer chegar. Noutras palavras, a orientação fundamental da teologia (para quem? em função de quem?) é muito mais decisiva e determinante do fazer teológico do que se imagina. E tanto no que diz respeito à busca e construção de mediações práticas e teóricas, quanto no que diz respeito à sua interação com os mais diferentes processos históricos²⁶.

3. Terceiro, por ser o lugar mais adequado de historicização e verificação da teologia. Na medida em que a teologia é intelecção de uma realidade prático-salvífica (reinado de Deus), deve encontrar sempre alguma forma, mais ou menos direta, de historicização e verificação: “Uma teoria teológica que não seja verificável na práxis teologal carece, ao menos, de uma de suas dimensões essenciais que é a historicidade” e, além de “despotenciar a práxis teologal requerida”, termina deixando de ser “um *intellectus fidei* para se tornar um estudo e inoperatividades”²⁷. Além do mais, na medida em que essa práxis salvífica se destina antes de tudo e acima de tudo aos pobres e oprimidos e, assim, está intrinsecamente referida a eles, encontra aí seu lugar fundamental de historicização: o lugar onde ela deve ser testada e onde sua verdade deve ser comprovada ou verificada. Assim, o discurso de Jesus sobre Deus como *Rei* que faz justiça aos pobres e como

²⁶ Toda teologia tem repercussão social. Queira ou não queira, consciente ou inconscientemente, toda teologia acaba legitimando e, assim, servindo a determinados interesses sociais em conflito e até em oposição a outros interesses sociais. Por isso mesmo é muito importante determinar sua orientação e seu destinatário fundamentais (seu para quem) para que não termine servindo a interesses contrários aos que, em princípio, propõe-se a servir. Uma teologia que se põe explícita e conscientemente a serviço da salvação dos pobres e oprimidos, como *deve* ser a teologia cristã, é muito mais sensível às diversas formas de dominação e muito mais preocupada e comprometida com a busca de mediações práticas e teóricas para a salvação dos pobres e oprimidos deste mundo. Essa orientação fundamental se torna, assim, determinante de seu dinamismo histórico: mediações teóricas e práticas, interação nos processos sociais e políticos etc.

²⁷ ELLACURÍA, Ignacio. Relación teoría y praxis en la teología de la liberación. In: *Estudios Teológicos I*. San Salvador: UCA, 2000, p. 235-245, aqui p. 141.

Abba compassivo e misericordioso torna-se realidade e faz-se verdade (verifica-se) em sua práxis junto aos pobres e oprimidos de seu tempo.

É mais um aspecto do processo de conhecimento em geral e do conhecimento teológico em particular. Enquanto teoria do reinado de Deus, a teologia parte do acontecimento histórico da salvação dos pobres e oprimidos (lugar de sua apreensão) e revela ou realiza sua verdade no mesmo processo histórico da salvação dos pobres e oprimidos (lugar de verificação). A história da salvação dos pobres e oprimidos se torna, assim, tanto o lugar de apreensão da salvação, quanto o lugar de comprovação ou verificação da verdade de uma teoria da salvação.

4. Quarto, por constituir um princípio e um critério fundamentais de desideologização da teologia. Conforme advertimos acima, o discurso teológico é muito mais propenso a "desfigurações e manipulações nem sempre conscientes": seja pelo caráter "aparentemente" inverificável de muitas de suas afirmações²⁸, seja pela pretensão de universalidade, objetividade e cientificidade de seu discurso. Daí que seja tão importante o problema do "para onde" aponta/conduz ou "a quem" serve uma determinada teologia. Em certo sentido, pode-se dizer até mesmo que o "para onde" ou o "para quem" de uma teologia revela a verdade de seu "a partir de onde" e, assim, constitui-se em critério da própria verdade da teologia: se ela pretende ser a inteligência do reinado de Deus, cujos destinatários privilegiados são os pobres e oprimidos, mas, na prática, está a serviço ou favorece muito mais aos ricos e opressores, é sinal ou indício muito forte de que a realidade inteligida não foi bem ou propriamente o reinado de Deus, tal como aparece na Escritura, ou, pelo menos, que ele foi instrumentalizado ou ideologizado em função de outros interesses.

Juan Luis Segundo insistiu muito na importância da "suspeita ideológica" como momento constitutivo e fundamental do fazer teológico²⁹. A própria Palavra de Deus, diz Segundo, "pretende a todo instante recordar ao teólogo que sua interpretação da revelação, a fim de entendê-la e praticá-la, pode se desviar e começar a servir aos fins da exploração do homem pelo homem"³⁰. Por isso mesmo, é de fundamental importância ver se uma teologia qualquer está a serviço da salvação dos pobres e oprimidos ou se contribui, por omissão ou por comissão, com sua exploração e dominação. E, aqui, o mundo dos pobres e oprimidos se constitui em princípio e critério fundamental de legitimidade e/ou de desideologização da teologia.

²⁸ Idem. *La teología como momento ideológico de la praxis eclesial*. Op. cit., p. 165.

²⁹ Cf. SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da teologia*. São Paulo: Loyola, 1978, p. 9-12; _____. *Críticas y autocríticas de la teología de la liberación*. In: COMBLIN, José; GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio; SOBRINO, Jon. *Cambio social y pensamiento cristiano en América Latina*. Madrid: Trotta, 1993, p. 215-236, aqui p. 232-236.

³⁰ *Ibidem*, p. 234.

Em síntese, o mundo dos pobres e oprimidos é o lugar fundamental da teologia cristã enquanto lugar privilegiado de *acesso real* ao reinado de Deus (seu assunto ou "objeto"); enquanto oferece uma *orientação fundamental* ao fazer teológico (seu para quem); enquanto lugar mais adequado de *historicização e verificação* da teoria teológica (sua verdade) e enquanto *princípio e critério de desideologização* da teologia (sua prova de fogo).

Convém, por fim, advertir que a expressão "lugar teológico" é tomada aqui num sentido bem diferente do que ela tem em Tomás de Aquino³¹, em Melchor Cano³² e, a partir deles, no magistério episcopal da Igreja e na maioria dos teólogos: "fontes" ou "domicílios" de argumentos teológicos.

É verdade que essa mutação semântica na expressão "lugar teológico" não se dá apenas no sentido de lugar social como desenvolvemos aqui. Sequer começa por aí. Desde o Concílio Vaticano II ela vem sendo utilizada, sob perspectivas diferentes, num sentido bem distinto do que ela tem na tradição teológica. Tem-se falado muitas vezes do mundo, da Igreja, da liturgia, da vida de santidade etc. e também, claro, do pobre como lugar teológico. E, normalmente, em referência à obra de Melchor Cano sobre os lugares teológicos, como se fosse uma ampliação e/ou atualização da mesma³³. E aqui está o problema e uma das razões de certas incompreensões e até injustiças. Falamos de *uma* das razões porque curiosamente as reações, resistências e conflitos se dão praticamente com relação à afirmação do pobre como lugar teológico, embora, na perspectiva de Cano, como adverte Max Seckler, tampouco se pode falar da atualidade, da Igreja ou da liturgia como lugar teológico³⁴.

Certamente se pode ampliar o número das "fontes" ou dos "domicílios" dos argumentos teológicos. O próprio Cano recorda, ao identificar e/ou determinar os 10 lugares teológicos, que alguns reduziriam e outros aumentariam esse número. Mas não dá maior relevância a essa questão. O importante, para seu propósito, é que "não se enumere nenhum lugar supérfluo nem tampouco se omita nenhum lugar necessário"³⁵.

³¹ Cf. AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica I*. São Paulo: Loyola, 2001, I, q.1, a.8, ad 2.

³² CANO, Melchor. *De locis theologicis*. Madrid: BAC, 2006.

³³ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Revelação e teologia*. São Paulo: Paulinas, 1968, p. 189-192; WICKS, Jared. *Lugares teológicos*. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino (Dir.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida: Vozes/Santuário, 1994, p. 551-552; _____. *Introdução ao método teológico*. São Paulo: Loyola, 1999, 18-22; TABORDA, Francisco. *O memorial da páscoa do Senhor*. São Paulo: Loyola, 2009, 31-37; SUSIN, Luis Carlo. *O privilégio e o perigo do 'lugar teológico' dos pobres na igreja*. Op. cit.; _____. *Os pobres como 'lugar teológico': uma questão hermenêutica crucial de nosso tempo*. Op. cit.

³⁴ Cf. SECKLER, Max. *Die ekklesiologische Bedeutung des Systems der 'loci theologici': Erkenntnistheoretische Katholizität und strukturelle Weisheit*. In: WALTER Baier (Hrsg.) *Weisheit Gottes, Weisheit der Welt: Festschrift für Joseph Kardinal Ratzinger zum 60. Geburtstag*. Band I. St. Ottilien: EOS Verlag, 1987, p. 37-65, aqui p. 44, nota 12.

³⁵ CANO, Melchor. Op. cit., p. 9.

E certamente também se pode dar à expressão “lugar teológico” um sentido diferente daquele que ela tem na obra de Cano, isto é, pode-se falar de lugar teológico como lugar eclesial, como ato litúrgico, como lugar social etc. A história da teologia é farta de exemplos de mutação semântica, a começar pela expressão teologia. As expressões podem adquirir novo sentido ou mudar de sentido. Isso não é problema.

Mas é preciso deixar claro em que sentido se usa a expressão, sobretudo quando se trata de uma expressão polissêmica como é a expressão “lugar teológico”. Em Melchor Cano ela significa os lugares textuais – “fontes” ou “domicílios” – onde se podem encontrar argumentos para o discurso teológico. Uma espécie de “áreas de documentação”, na expressão de Wicks³⁶. Na perspectiva de Cano não tem sentido falar da vida eclesial, da ação litúrgica ou do mundo dos pobres e oprimidos como lugar teológico, o que não significa que a expressão não possa ser tomada nesse sentido. Em todo caso, é importante ter presente esses diferentes sentidos e deixar claro em que sentido ela está sendo usada. E tanto por precisão teórica, quanto para evitar incompreensões e conflitos desnecessários. É o que faz, por exemplo, Ignacio Ellacuría, ao distinguir entre “fontes” da teologia (lugar teológico no sentido de Melchor Cano) e “lugar” social da teologia (lugar teológico no sentido na teologia da libertação) e ao mostrar como as fontes são lidas e interpretadas sempre a partir de um determinado lugar social³⁷. Desta forma, ele deixa claro o sentido que dá à expressão lugar teológico (lugar social), distinguindo-a do sentido clássico dessa expressão (fonte ou domicílio de argumentos) e mostrando, inclusive, sua articulação com ele.

A modo de conclusão

Que toda teologia se faz a partir de um lugar social concreto e termina servindo a determinados interesses sociais é um *fato* facilmente constatável. Que ela deva ser feita a partir do lugar social dos pobres e oprimidos e que esteja a serviço de sua libertação é uma *exigência* que brota da dinâmica mesma da revelação e da fé cristãs. Não é uma questão secundária ou opcional, nem sequer uma questão meramente pastoral, mas uma questão que diz respeito à identidade cristã da teologia. É tanto uma questão de ortopraxis, quanto uma questão de ortodoxia. Afinal, como recordava João Paulo II em sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, “se verdadeiramente partimos da contemplação de Cristo, devemos saber vê-lo sobretudo no rosto daqueles com quem ele mesmo se quis identificar: ‘porque tive

³⁶ WICKS, Jared. Op. cit., p. 20.

³⁷ Cf. ELLACURÍA, Ignacio. Los pobres, “lugar teológico” en América Latina. Op. cit., p. 152s.

fome e me deste de comer, tive sede e me destes de beber; era peregrino e me recolhestes; estava nu e me destes de vestir; adoeci e me visitastes; estive na prisão e fostes ter comigo' (Mt 25, 35-36). Esta página não é um mero convite à caridade, mas uma página de cristologia que projeta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo. Nesta página, não menos do que faz com a vertente da ortodoxia, a Igreja mede sua fidelidade de Esposa de Cristo" (NMI 49). E o que vale para a práxis eclesial em geral, vale, *mutatis mutandis*, para seu momento intelectual por excelência que é a teologia.

É claro que o lugar social do pobre e oprimido não produz automaticamente uma teoria teológica nem garante sua qualidade teórica, mas oferece a ela um acesso privilegiado a seu "objeto", uma orientação fundamental a seu afazer, o lugar mais adequado de sua historicização e verificação e um princípio e critério históricos de sua desideologização. E, assim, se constitui como um momento fundamental e determinante do método teológico.

Francisco de Aquino Júnior . Doutor em teologia pela Westfälische Wilhelms-Universität de Münster (Alemanha). Professor de teologia na Faculdade Católica de Fortaleza e presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte - CE. Autor de várias obras, entre elas: *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuría*. São Paulo: Loyola, 2010; *A dimensão sócio-estrutural do reinado de Deus: escritos de teologia social*. São Paulo: Paulinas, 2010. *Teoria teológica: práxis teológica: sobre o método da teologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2012.

Endereço: Caixa Postal 27
62930-000 Limoeiro do Norte – CE
axejun@yahoo.com.br